



## TRANSFORMAÇÕES DE IDENTIDADES DE MULHERES NEGRAS IDOSAS A PARTIR DE NARRATIVAS DE SI

Daniele dos Santos Silva<sup>1</sup>

Leila Maria Passos de Souza Bezerra<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho versa sobre as trajetórias de vida de mulheres negras e idosas, a considerar seus processos de envelhecimento, suas experiências e significações em relação à velhice e ao cuidado (delas mesmas, da família e do Estado). Trata-se de recorte de pesquisa de dissertação de mestrado em curso. A metodologia adotada concerne em: pesquisas bibliográfica, documental e de campo; abordagem qualitativa, observação participante, entrevista em profundidade e análise do discurso crítica. Buscamos compreender como narrativas de vida, aparentemente pessoais, se relacionam com as estruturas e dinâmicas do mundo social. Nesse sentido, intencionamos compreender e interpretar criticamente as memórias, os desafios e as vivências de mulheres negras, idosas e em condição de pobreza pluridimensional inseridas nas margens urbanas de Maracanaú-Ce. Consiste em maneira de enunciar e textualizar tais relatos de vida, a destacar o movimento e contribuição gerado por estas mulheres negras, ao enfocarmos práticas de cuidado, família e Estado.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras 1; Envelhecimento 2. Políticas de Cuidado 3.

### ABSTRACT

This paper aims to reflect on the life trajectory of black and elderly women, considering their aging processes, perceptions of old age and the care (of themselves, of the family and of the State) experienced by them. The life narratives will be the starting point for the development of this work. Thus, the research has as methodological support: Life Stories (data collection) and Critical Discourse Analysis - ADC (data analysis) once the relationship between both is established, we will seek to understand how apparently personal narratives relate to the facts of the social world. In this sense, our purpose is to describe the memories, challenges and experiences traced by them, from childhood, through adulthood to old age. It is also a way of exposing and textualizing such life stories, highlighting the movement and the contribution generated by these women, considering: family and society.

**Keywords:** Black women 1. Aging 2. Care policies 3.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Ceará; Mestranda em Sociologia; E-mail: [danysylva2010@hotmail.com](mailto:danysylva2010@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará; Doutora e Pós-Doutora em Sociologia; E-mail: [leila.passos@uece.br](mailto:leila.passos@uece.br)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre mulheres negras, envelhecimento/velhice e as práticas/políticas de cuidado por estas experienciadas em seus cotidianos nas margens urbanas, a considerar a interseccionalidade entre classe social, geração, gênero e raça. Enfoca diálogos críticos ora estabelecidos, no processo investigativo em curso, com significativa produção teórica acerca da temática em foco, mediante a adoção das pesquisas bibliográfica e documental. Trata-se de recorte de dissertação de mestrado acadêmico acerca das trajetórias de vida de mulheres negras e idosas, a enfatizar seus processos de envelhecimento, suas experiências e significações em relação à velhice e ao cuidado (delas mesmas, da família e do Estado).

Essa pesquisa nasceu da necessidade de se pensar sobre trajetórias de vida de mulheres negras e idosas, a ressaltar seus processos de envelhecimento percebidos e narrativizados, suas percepções sobre a velhice e as práticas/políticas de cuidado experienciadas por elas. As narrativas das participantes são pontos de partida para se refletir criticamente acerca de suas vivências, bem como uma contribuição metodológica para analisar o protagonismo que essas mulheres negras exercem nas estruturas familiar e social com relação às práticas/políticas de cuidado. Uma forma de anunciar e textualizar a relevância de seus discursos de vida, para além de seus círculos íntimos e como tais relatos, aparentemente pessoais, se relacionam com o mundo social (LAHIRE, 2004). Ao considerarmos o estudo sobre suas histórias de vida, acreditamos essencial refletir a partir de suas narrativas e memórias (HALBWACHS, 1990).

Em consonância, cabe dizer que as discussões acerca do envelhecimento têm ganhado espaço na sociedade brasileira do século XXI. O envelhecimento populacional tem crescido significativamente nos últimos tempos (DEBERT, 1988).



Não obstante as sociedades ocidentais passarem por rápidas e significativas transformações sociais, em decorrência dos acontecimentos tecnológicos, científicos, culturais e políticos ao longo dos dois últimos séculos, não podemos afirmar que viver mais, significa viver com qualidade e direitos, tão pouco que o envelhecimento é garantia de uma vida tranquila e serena. Se a velhice pode não possibilitar tempos menos atribulados, em si e por si mesma, menos ainda o será ao considerarmos as desigualdades de classe, raça e gênero que podem atravessá-la. Deste modo, buscamos compreender as múltiplas velhices, fazendo uma referência à não homogeneização dos idosos (COUTRIM, 2010).

As categorias gênero (mulher) e raça (negra) se fazem extremamente necessárias nesta pesquisa, uma vez que a “feminilização da velhice” no interior dos estudos de envelhecimento tem chamado atenção (CAMARANO, 2003). Assim, o envelhecimento de mulheres negras se apresenta como um campo a ser explorado, tendo em vista os processos históricos da população negra do Brasil e os sistemas de desigualdades sociais, políticas e econômicas sofridas em decorrência do regime de escravização, a perpetuarem práticas sociais de violência(s) e opressão até os dias de hoje (CARNEIRO, 2014). A pesquisa assume um caráter histórico-crítico e interseccional – de classe, de gênero, raça e geracional – a levantar particularidades de questões próprias do grupo referido, pois suas vivências se diferenciam dos demais grupos sociais que formam a categoria idosa (CAMARANO, 2003).

A velhice de mulheres negras nos é apresentada sob uma série de aspectos a serem considerados nesta problematização, tais como: menor expectativa de vida, para o acesso a políticas públicas/direitos e aos serviços de infraestrutura urbana, baixa renda, baixa escolaridade, trabalho precarizado e/ou informalizado (desprotegido socialmente), solidão, dentre outros aspectos (RABELO et al, 2018). Tais precariedades da existência são efeitos de uma estrutura social consolidada no racismo, que prejudica a trajetória e vivências do povo negro (SILVA, 2020). A partir



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



disso, podemos perceber que diferentes grupos sociais ocupam distintos lugares na estrutura e na organização da nossa sociedade brasileira. Neste caso, percebemos que mulheres negras “*idosas*” permanecem em condições desprivilegiadas e que as expressões da questão social que atravessam suas trajetórias de vida ainda se complexificam na velhice. Com isso, nos propusemos a refletir sobre: de que forma, nas narrativas das mulheres negras participantes desta pesquisa, o Estado tem amparado cultural, política, econômica e socialmente o processo de envelhecimento de mulheres negras idosas inseridas nas margens urbanas? É fundamental se pensar o cuidado e sua dimensão política, para além das estruturas familiares, estabelecendo uma relação entre as micro e macroestruturas sociais: Indivíduo e Estado (CONTATORE, MALFITANO, BARROS, 2019).

Salientamos que o presente trabalho se trata de uma investigação social em andamento, de cunho qualitativo, a adotar as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. As interlocutoras de pesquisa são mulheres negras, ditas em processo de envelhecimento/velhice, em condição de pobreza pluridimensional (BEZERRA, 2015) e moradoras de territórios situados nas margens do município de Maracanaú-CE. Para tanto, optamos pelos métodos (técnicas) de observação participante e entrevista em profundidade, de tipo história de vida. Conforme Bosi (1979, p. 1-2): “Este registro, alcança uma memória pessoal que, como se buscará mostrar, é também uma memória social, familiar e grupal.” Desta forma, o método buscará compreender de que maneira trajetórias individuais se relacionam com trajetórias sociais. De modo relacional, adotaremos a Análise do Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2005). Desta feita, o que se apresenta, na imediaticidade, como um fato isolado incorporado na subjetividade e na experiência individual de cada ser, ganha outras configurações a partir dos encontros situados na relação entre indivíduo e sociedade, nas particularidades da formação sócio-histórica brasileira.

Assim, há a previsão de realização de entrevistas em profundidade, transcrições e sistematização dos dados coletados, a partir dos subtemas que emergirem de suas narrativas. Mais detalhadamente, a coleta se dará por meio de entrevistas (ao longo de um ano), realizadas com até 10 (dez) mulheres negras, com idade entre sessenta e setenta anos (60 – 70 anos). Seguirá o uso de roteiro de perguntas abertas e/ou temas, sendo distribuídas em dois blocos: a) perfil das participantes (dados pessoais, escolares e familiares/socioeconômicos e culturais); e b) percepções sobre o processo de envelhecimento (narrativas sobre infância, juventude e vida adulta, das experiências de práticas/políticas de cuidado, compreensão de raça e envelhecimento). Elementos a possibilitarem as reconstruções de suas trajetórias de vida e o processo crítico-interpretativo proposto.

A pesquisa de campo será realizada na cidade de Maracanaú-CE, a demandar imersão na vida cotidiana destas mulheres negras, em suas teias de relações sociais em micro contextos, nas quais interagem e realizam suas atividades sociais. Neste sentido, os Centros de Referências de Assistência Social-CRAS se apresentam como lócus de observação peculiar, a garantir o acesso preliminar às nossas interlocutoras de pesquisa.

Portanto, buscamos apreender a velhice enquanto um processo complexo em perspectiva crítico-interpretativa e interseccional, a envolver uma série de práticas sociais (discursivas e não discursivas) que compõem tal estágio do ciclo da vida, de maneira especial das mulheres negras em condição de pobreza e inscritas nas margens urbanas. O que engloba uma busca para a promoção de garantia dos direitos essenciais, promovendo uma velhice mais digna e que reconheça as diversidades das existências.

Neste artigo, priorizamos o diálogo crítico com produções científicas acerca das relações entre envelhecimento/velhice, mulheres negras e o cuidado, a considerar a indispensável problematização, desnaturalização e politização das

interfaces entre práticas/políticas de cuidado empreendidas nos âmbitos estatal, individualizado e grupal (famílias) em nossa vida brasileira deste século XXI.

## 2 O ENVELHECIMENTO E A VELHICE

O número de pessoas idosas teve um salto considerável desde o século passado: “[...] essa transição demográfica e o expressivo ganho em expectativa de vida, inclusive para a população idosa, tiveram início na metade do século XX e devem continuar a progredir.” (DUARTE, BERZINS, GIACOMIN, 2016, p. 457) Tal crescimento se apresenta de formas distintas, pois entendemos que cada grupo social que compõe a categoria “idosas”, envelhece de distintas maneiras, e que essas diferenças, por vezes transformadas em desigualdades, são expressadas a partir de suas trajetórias ao longo da vida. Segundo enuncia Coutrim (2021, p. 49):

De fato, a velhice não pode ser interpretada pelas ciências sociais como uma categoria única, abstrata, desprovida de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: A velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e a do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, a de homens e a das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante. Por isso, o ideal seria não se falar a respeito da velhice, mas sim a respeito das velhices.

Falamos das múltiplas velhices é essencial para entendermos as diferenças de cada grupo e sua posição nas estruturas e dinâmicas sociais. Acerca disso, nos alinhamos também ao debate já existente no campo dos estudos de envelhecimento: às identidades dos idosos, “que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem” (BOSI, 1979, p. 08). E ainda diz respeito às adversidades sofridas nesta faixa etária da vida, compreendendo que a velhice é um processo rodeado de questões acerca de saúde, solidão, trabalho, renda, dentre outros aspectos econômicos, sociais e políticos, e que remete à necessidade de políticas públicas a serem asseguradas para o desenvolvimento de uma velhice socialmente protegida.



Assim, se faz cada vez mais necessário entender os processos de envelhecimento(s) e a(s) velhice(s). Nos termos de DEBERT (2016, p. 537):

(...) o fato de os velhos representarem uma parcela da população cada vez mais significativa do ponto de vista numérico tem levado a preocupação da sociedade com o processo de envelhecimento que dá origem a uma série de práticas que visam a promover uma adaptação bem sucedida a velhice.

Portanto, este campo de estudos traz à tona inquietações que merecem ser apontadas e refletidas na atualidade: é também a busca pela quebra dos processos de esquecimento, desqualificação e invisibilização sociais sofridos neste estágio da vida, a adquirir peculiaridades quando enfocamos as experiências de mulheres negras “idosas” das/nas margens cidadinas.

### 3 A MULHER NEGRA “IDOSA”

Os processos de envelhecimento e a velhice são pensados de modo interseccional. O envelhecimento de mulheres negras é analisado dentro deste universo: gênero, raça, classe e geracional. Coadunamos, assim, com a análise de Rabelo et al (2018, p. 195) ao afirmar:

A experiência do racismo tem efeito negativo na qualidade de vida e não se resume a respostas provenientes de interações entre indivíduos, mas está profundamente condicionada por fatores estruturais. Devido a práticas discriminatórias com base na raça, os idosos negros têm questões únicas que precisam ser enfrentadas na velhice (RABELO et al, 2018, p.195).

Os estudos de interseccionalidade, segundo Akotirene (2018), foi inaugurado, em 1989, por Kimberlé Crenshaw, em seu artigo “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*”. Analisar a mulher negra idosa a partir desta perspectiva tem se tornado essencial para percebermos os diversos desafios e lutas que essas mulheres precisam traçar no decorrer de suas vidas, desde a infância e o trabalho precoce, até a velhice e a solidão.

Ainda cabe dizer que mulheres negras movimentam e produzem mudanças significativas nas estruturas sociais, desde aquela que trabalhou como empregada doméstica e foi a base de uma família; até a mãe, chefe de família, que se doou e criou seus filhos, proporcionando mudanças significativas nos seus trajetos de vida. São mulheres que, em seus cotidianos, compuseram experiências e histórias carregadas de criação de saberes e insurgências. Segundo Collins (2019, p. 43):

Teorias sociais produzidas por mulheres oriundas de grupos diversos não costumam surgir da atmosfera etérea de sua imaginação. Ao contrário, elas refletem o esforço dessas mulheres para lidar com experiências vividas em meio a opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e religião.

Portanto, uma vez que compreendemos que as velhices ocorrem de maneiras diferentes, também entendemos que a velhice de mulheres negras incide em questões próprias que perpassam as inquietações particulares da velhice e vai de encontro às diferenças/desigualdades de gênero, raça, classe. Conforme Collins (2017, p. 10):

Nesse sentido, Crenshaw foi idealmente posicionada na convergência dos estudos de raça/ classe/ gênero na academia, assim como na centralidade de iniciativas de justiça social para a mudanças legais e sociais que fizeram avançar argumentos da interseccionalidade.

Nesta perspectiva, os estudos sobre o envelhecimento e a velhice de mulheres negras visa contribuir no enfrentamento das desigualdades e ainda na construção de transformações significativas nas esferas sociais e políticas, a demandar a intervenção estatal em termos de reconhecimento de suas diferentes experiências e da garantia de seus direitos, dentre os quais destacamos as práticas/políticas de cuidado.

### 3 O ESTADO E O ENVELHECIMENTO NEGRO

O Estado assume um lugar de destaque nos debates acerca do envelhecimento do povo negro. Para isso, problematizamos: O que é o Estado?





Segundo Silva (2019, p. 56), seria “(...) ‘um projeto de autonomia e a realização de um acordo em uma coletividade’, acordo esse que a filosofia política clássica denomina de contrato social.” Definição que se dá a partir de uma filosofia clássica e que não contempla definição histórico-crítica de Estado, principalmente quando se é visto por um viés estrutural. Segundo este autor: “Dizer que o Estado é “relação material de força” ou uma forma específica de exercício do poder e de dominação é, sem dúvida, um avanço diante de definições como “bem comum” ou “complexo de normas jurídicas”.” (SILVA, 2019, p. 57).

Ao reconhecermos as contradições do papel do Estado na contemporaneidade, ressaltamos seu dever de prover políticas públicas que visem garantir direitos sociais, políticos, econômicos e culturais a todo e qualquer cidadão. No campo dos estudos sobre o envelhecimento e em termos das políticas públicas para idosos, é possível perceber que, apesar de o Estado ter responsabilidades frente as problemáticas encontradas, e ao fazermos uma intercessão destes estudos, identificamos que a população negra idosa se encontra atravessada por desigualdades, sobretudo raciais, a agravarem suas situações de existência em comparação a outros grupos sociais que compõem a categoria idosa. Corroboramos com a análise crítica de Silva ao afirmar: “Uma vez que o Estado é a forma política do mundo contemporâneo, o racismo não poderia se reproduzir se, ao mesmo tempo, não alimentasse e fosse também alimentado pelas estruturas estatais” (2019, p. 54).

Refletir sobre o envelhecimento de pessoas negras implica analisar processos políticos estruturais a atravessarem suas trajetórias de vida, a denotarem que suas velhices também sejam encarnação de suas vivências enquanto sujeito social negro na vida brasileira estruturada sob a escravização e o racismo estrutural. Trazer ao diálogo público as experiências de mulheres negras “idosas” configura-se enquanto uma política de enfrentamento e resistência diante das desigualdades impelidas, em busca da garantia de práticas

significativas de cuidado capazes de responder às demandas peculiares às suas trajetórias.

#### 4 O CONCEITO DE CUIDADO NOS ESTUDOS DE ENVELHECIMENTO

Refletir sobre o cuidado é indispensável quando falamos sobre a velhice, uma vez que a pessoa idosa requer maiores precauções. Para Debert (2014, p. 36):

O prolongamento da vida humana recoloca de uma maneira incisiva a questão da dependência e do cuidado. Viver um número maior de anos é enfrentar a dependência. Daí a centralidade do cuidado e a importância da reflexão que Molinier nos convida a fazer.

Reconhecer a importância do cuidado para a vida social brasileira contemporânea, é fundante para debater sobre tais práticas vivenciadas e asseguradas (ou não) às pessoas idosas. E consiste ainda em ferramenta para se pensar sobre o próprio conceito de cuidar, de modo a superar sua circunscrição à responsabilidade familiar, imputada ao dever pessoal e, sobretudo, às mulheres, de maneira a assumir seu caráter social e político (CONTATORE, MALFITANO, BARROS, 2019). A desnaturalização do cuidado, enquanto prática estritamente familiar e de mulheres, faz parte do processo de reconhecê-lo como categoria social e política, conforme ora enunciado:

Trata-se de um fenômeno universal, presente na vida do ser humano desde a antiguidade e responsável por sua sobrevivência. Sem o cuidado ao longo da vida, desde o nascimento até a finitude, o homem se desestruturará, definhará. Sua vida perderá o sentido e ele morrerá. Portanto, em um mundo que envelhece progressivamente, o cuidado e o cuidar adquirem dimensões especiais (DUARTE, BERZINS, GIACOMIN, 2016, p. 457).

Quando reconhecemos as dimensões sociopolítica do cuidado, destacamos o papel do Estado dentro desta dinâmica, a salientar que as situações vivenciadas por idosas, neste estágio da vida, também implicam em ações estatais, uma vez que é seu dever assegurar uma velhice digna e socialmente protegida aos seus

cidadãos. A prática do cuidado não está limitada à esfera individual e/ou grupal. Estabelece uma relação direta entre as estruturas sociais. Ao falarmos de cuidado, falamos do *direito a viver*, um dos elementos básicos para a vida social, a merecer peculiar atenção ao se focar as existências de mulheres negras idosas e em condição de pobreza pluridimensional (BEZERRA, 2015), por vezes invisibilizadas e postas às margens do Estado em sua face socialmente protetiva.

#### 4 CONCLUSÃO

Os processos de envelhecer nas margens urbanas apontam diversas questões a serem destacadas e refletidas, uma vez que, o avanço do envelhecimento populacional, nos últimos dois séculos, tornou-se assunto cada vez mais pertinente no nosso cotidiano. Todavia, ainda pouco aprofundado no tocante às experiências de mulheres negras idosas e das/nas margens concernentes às práticas/políticas de cuidado em perspectiva crítica e interseccional.

Desta feita, poderemos melhor apreender a situação da mulher negra inscritas nas margens, atravessada por distintos marcadores sociais da diferença e por desigualdades sócio-históricas, de modo a decifrar como atravessam e estruturam as vidas de tais sujeitas e, em especial, como incidem em seus processos de envelhecer. O cuidado se apresenta como um eixo central neste debate crítico, dado que, buscamos compreender de que maneira mulheres negras o têm experienciado.

Por fim, a pesquisa em tela pretende-se a contribuir com os estudos interseccionais de classe, gênero, raça e geração, na medida em que busca refletir sobre as concepções do cuidado no campo de estudos sobre envelhecimento e suas práticas/políticas experienciadas nas dinâmicas da cotidianidade de mulheres negras “idosas”. E, simultaneamente, vislumbra colaborar com o questionamento e a ruptura com os processos de desumanização, invisibilização e esquecimento sociais destas existências no Brasil contemporâneo.



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BEZERRA, Leila M. Passos de S. **Pobreza e lugar(es) nas margens urbanas: lutas de classificação em territórios estigmatizados do Grande Bom Jardim**, 2015. 450 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a Partir de Uma Perspectiva de Gênero**. Acessar em: <https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-damulhe-r-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

CAMARANO, Ana Amélia. **Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?**. Estudos Avançados, [S.L.], v. 17, n. 49, p. 35-63, dez. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142003000300004>.

CONTATORE, Octávio Augusto, MALFITANO, Ana Paula Serrata, BARROS, Nelson Filice. **Por uma sociologia do cuidado: Reflexões para além do campo da saúde**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, 2019.

COLLINS. Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política de empoderamento/** Patrícia Hill Collins; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1º ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. **A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte**. São Paulo: Annablume, 2010.

DEBERT, Guita Grin. **Arenas de conflito em torno do cuidado**. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, v. 26, n. 1. São Paulo. 2014

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

**XI** Jornada  
Internacional  
Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



\_\_\_\_\_. **Envelhecimento e representações sobre a velhice.** Anais do VI Encontro de Estudos Populacionais. ABEP; Associação brasileira de estudos populacionais, 1988.

DUARTE, Yeda Aparecida de Oliveira, BERZINS, Marília Anselmo Viana da Silva, GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso: Às Lacunas da Lei e a Questão dos Cuidadores/ Política nacional do idoso: velhas e novas questões** / Alexandre de Oliveira Alcântara, Ana Amélia Camarano, Karla Cristina Giacomini - Rio de Janeiro : Ipea, 2016. 615 p.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis.** Edinburgh University Press: 2007 [1999].

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva.** Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais/** Bernard Lahire; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

RABELO, D. F., SILVA, J. da, ROCHA, N. M F. D., GOMES, H. V., & ARAÚJO, L. F. de. (2018). **Racismo e envelhecimento da população negra.** Revista Kairós-Gerontologia, 21(3), 193-215. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.